

Literatura e sociedade: os romances espíritas de Bezerra de Menezes e o Brasil nas últimas décadas do século XIX

*Flávio Luan Freire Lemos**
André Victor Cavalcanti Seal da Cunha†

Resumo

O artigo objetiva discutir a importância da literatura nas Ciências Humanas a partir dos romances doutrinários escritos por Adolpho Bezerra de Menezes. Assentada em uma cultura letrada, o Espiritismo Kardecista tem na produção literária um instrumento importante na sua consolidação e institucionalização no Brasil. Logo, buscamos também enfatizar a relevância dessa fonte na consolidação das pesquisas sobre o Espiritismo no âmbito acadêmico. Ademais, a literatura romanesca produzida por Bezerra de Menezes também possibilita pensarmos o papel dos intelectuais na transição entre império e república brasileira. Situamos o mesmo como pertencente ao grupo nomeado por Nicolau Sevcenko de “escritores-cidadãos”. Estes, preocupados com os rumos da nação e produtores, através das suas escritas engajadas politicamente, em soluções. Ao trazer para seus romances problemáticas das últimas décadas do século XIX, denotamos uma nova perspectiva sobre Bezerra de Menezes: um intelectual que utilizou-se da plataforma espírita para além dos objetivos doutrinários, mas oportunamente na apresentação da sua histórica agenda política. Buscamos situar também a importância da literatura espírita, produzida por Bezerra, como fonte importante para o debate acadêmico, sobretudo acerca da relação entre literatura e as tensões sociopolíticas na transição entre império e república no Brasil.

Palavras-chaves: Literatura Espírita; Bezerra de Menezes; História do Espiritismo.

Abstract

The present work aims to discuss the importance of literature in the Human Sciences based on the doctrinal novels written by Adolpho Bezerra de Menezes. Based on a literate culture, Kardecist Spiritism has literary production as an important instrument in its consolidation and institutionalization in Brazil. We will emphasize the relevance of this source in the consolidation of research on Spiritism in the academic studies. The novel literature produced by Bezerra de Menezes allows us to reflect on the role of intellectuals in the transition from empire to brazilian republic. We situate the spiritist novelist as belonging to the group named by Nicolau Sevcenko of “escritores-cidadãos” (citizen-writers). These, concerned with the direction of the nation and producers of solutions, through their politically engaged writings. By presenting controversial themes from the last decades of the 19th century in his novels, we conclude a new perspective on Bezerra de Menezes: an intellectual who used the platform and spiritist beyond doctrinal goals, but opportunely in the presentation of his historical political agenda. Therefore, we seek to situate the

* Graduado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, mestrando pela mesma instituição, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas-PPGCISH. Bolsista Programa Demanda Social / CAPES. Pesquisa na área de História Cultural e História das Religiões, com foco investigativo na literatura espírita produzida pelo líder Adolpho Bezerra de Menezes.

† Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará-UFC, professor do Departamento de História da FAFIC/UERN, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas FAFIC/PPGCISH/UERN e coordenador do PROFHISTÓRIA-UERN. Dedicar-se a investigações nos seguintes campos: História Cultural das Religiões e Religiosidades; História Cultural do Espiritismo; Ensino de História.

importance of the spiritist literature, produced by Bezerra, as an important source for academic studies, mainly on the relationship between literature and socio-political tensions in the transition from empire to republic in Brazil.

Keywords: Spiritist Literature; Bezerra de Menezes; History of Spiritism.

Breve introdução à literatura e a teoria sociológica

O uso da literatura nas Ciências Humanas parte de uma maior atenção a linguagem para pensar o processo de sociabilidade, cultura e outras categorias analíticas que perpassam a existência humana em sociedade. Recuando um pouco do período cientificista do século XIX, podemos exemplificar através de Thomas Hobbes e seu clássico *Leviatã* – escrito no século XVII –, pelo qual enfatizou a linguagem como uma invenção primordial, pois é a partir dela que:

(...) os homens registram seus pensamentos e suas lembranças, e os enunciam aos demais para mútua utilidade e conversação. Sem isso, não haveria, entre os homens, nem governo, nem sociedade, nem tratado de paz (...).¹

A linguagem, portanto, colaborou na retirada do estado natural dos sujeitos. Estes, que para o autor, seriam naturalmente maus. Nos séculos XIX e XX, temos a constituição do Estruturalismo e Pós-Estruturalismo – e nomes como os de Ferdinand de Saussure, Roland Barthes, Claude Lévi-Strauss e Jacques Derrida – inaugurando uma abordagem, dentro da teoria sociológica, baseada na linguística. O sociólogo Anthony Giddens (1999) define que ambos, de modo geral, baseiam-se em torno de uma:

(...) tese de que a linguística, ou mais exatamente certos aspectos de versões particulares da linguística são de importância fundamental para a filosofia e a teoria social como um todo; a ênfase na natureza relacional das totalidades, ligada à tese do caráter arbitrário do signo e da primazia do significante sobre o significado; a descentralização do sujeito; a preocupação especial com a natureza da escrita e, portanto, com o material textual; e o interesse no aspecto temporal como algo constitutivamente integrante da natureza dos objetos e eventos.²

Movimentos surgidos dentro da Linguística, bastante relacionada em “explicar a natureza da mente humana”³, logo tornou-se foco dos interesses e possibilidades de estudos acerca da diversidade dos grupos humanos por pesquisadores das ciências sociais. Em torno disso, Giddens localiza uma maior ênfase na escrita, um “fascínio pelo texto”⁴, em que a literatura torna-se fonte primordial de análise desses movimentos teórico-metodológicos. Através da escrita, pensa-se não

¹ HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Rosina D’Angina (trad.). 1º ed. São Paulo: Martin Claret, 2014. p.38.

² GIDDENS, Anthony. Estruturalismo, pós-estruturalismo e a produção da cultura. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. *Teoria Social Hoje*. São Paulo: UNESP, 1999. p.282.

³ *Ibidem*, p.286.

⁴ *Ibidem*, p.302.

apenas a *autoridade* – e seus processos mentais – como também os processos de leitura e recepção.⁵ No entanto, Giddens critica a perda da agência dos escritores nos estudos estruturalistas e pós-estruturalistas, uma vez que “(...) a escrita é às vezes encarada como se os textos a si mesmos se escrevessem – e relegar o autor ao papel de um nebuloso assessor da escrita e manifestamente algo de insatisfatório”.⁶

Logo, ao pensar uma agência para os autores, Anthony Giddens⁷ sugere uma maior atenção para a (1) *consciência prática*, ou a noção de que as ações não são “impulsos programados”, e a (2) *contextualidade* dessas ações, analisando também o tempo-espço a qual os escritores estão inseridos. Trata-se então de analisar a literatura – para citar um objeto cultural fruto da escrita e foco das nossas reflexões nesse trabalho – a partir de uma *autoridade*, que “(...) não é nem um amálgama de intenções nem uma série de sedimentos ou traços deixados no texto. É, antes, um produtor que trabalha dentro de cenários específicos de ação prática”.⁸ À vista disso, as análises das produções culturais – ou a compreensão das significações por elas produzidas – não podem perder de vista a agência dos seus produtores.

Essa discussão também foi realizada, em fins do século XX, pelo historiador Roger Chartier (1990) e suas reflexões, no âmbito dos estudos culturais – sobre o livro e a leitura – com foco nas representações coletivas construída, dadas a ler e apropriadas pelo público. Buscando um caminho alternativo às análises estruturalistas e perspectivas fenomenológicas dos sujeitos e grupos sociais, Chartier⁹ propôs uma história cultural do social – em meio à crise da terceira geração da escola dos *Annales* e sua fragmentação temática através da História das Mentalidades.

Sua proposta envolvia uma maior atenção às representações do mundo social como possibilitadora de compreensão das formas como os atores sociais, em seus respectivos tempos históricos, desejavam e pensavam a sociedade.¹⁰ Suas análises giraram em torno da literatura popular da *Bibliothèque Bleue*, estabelecendo diálogos e instrumentalizando-se com autores clássicos da Sociologia, sobretudo Nöbert Elias e Pierre Bourdieu. Dessa aproximação, surge noções como a “sociologia histórica das práticas de leitura”, cujo objetivo visa identificar as modalidades partilhadas do ler e sua influência na produção de sentidos individuais e, dialeticamente, coletivos, rompendo a dicotomia entre indivíduo e sociedade no ato da escrita literária.¹¹

⁵ Problemática discutida em fins do século XX, à luz dos estudos históricos, por Roger Chartier, sobretudo na obra *A História Cultural Entre Práticas e Representações*.

⁶ *Ibidem*, p.303-304.

⁷ *Ibidem*, p.308-309.

⁸ *Ibidem*, p.315.

⁹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Maria Manuela Galhardo (trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. P.18.

¹⁰ *Ibidem*, p.19.

¹¹ *Ibidem*, p.121.

A linguagem e suas representações são usualmente reunidas no âmbito das pesquisas sobre literatura nas Ciências Humanas, uma vez que, segundo Luciana Andrade (2000), ambas dão sentido simbólico ao mundo. Nesse âmbito, as obras de ficção produzidas tornam-se um “documento da experiência” subjetiva dos escritores e escritoras – ou artistas – relacionando-se com seus respectivos tempos, espaços e valores sociais.¹² Todavia, durante todo o século XX tivemos intensas discussões epistemológicas acerca da legitimidade do uso desse documento, e podemos situar como exemplo os debates teóricos em torno do estruturalismo e pós-estruturalismo, comentado rapidamente anteriormente.

De modo geral, trata-se de compreendê-la para além da possibilidade de oferecer panoramas históricos dos seus períodos de escrita. Para Alberto Silva (2013)¹³, urge um olhar igualmente atencioso para os escritores(as), pois, “(...) sendo partes de uma dinâmica social, podem nos dá uma compreensão muito mais ampla a respeito da sociedade”.¹⁴ A Sociologia da Literatura surgiu como abordagem que leva em consideração, nas análises desse documento e suas especificidades, a inter-relação imprescindível entre indivíduo e sociedade na produção literária. Essa abordagem constituiu-se como uma resposta a toda problemática dicotômica entre a autonomia da *autoralidade* ou a total submissão do mesmo a estruturas sociais em seu processo de escrita. Para a antropóloga Adriana Facina;

(...) a literatura não é espelho do mundo social, mas parte constitutiva desse mundo. Ela expressa visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais. Essas visões de mundo são informadas pela experiência histórica concreta desses grupos sociais que as formulam, mas são também elas mesmas construtoras dessa experiência.¹⁵

Logo, a literatura se situa enquanto prática social material do indivíduo que a escreve, como também do grupo social que pertence. A pesquisa que se debruça nesse tipo de fonte, deve abarcar em suas análises para além das condições de escrita, mas também o contexto sócio-histórico a qual seus autores estão inseridos. Nesse âmbito, a interdisciplinaridade pode ser muito importante no fornecimento de instrumentos analíticos. No caso ainda das reflexões da Adriana Facina, que também é historiadora, a Antropologia se faz necessária nesse contexto ao possibilitar entender “(...) a lógica das visões de mundo, dos juízos de valor e das opiniões políticas que os escritores elaboram em seus textos”¹⁶, contribuindo também para “(...) a compreensão de padrões estéticos e

¹² ANDRADE, Luciana Teixeira de. *Literatura e Ciências Sociais*. Locust: Revista de História, v. 6, n. 2, 2000, p.73.

¹³ O autor realiza essas reflexões teórico-metodológicas dialogando com Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade* (2006), as colocações sobre o uso da literatura em *A Arte de Pesquisar* (2004), da Mirian Goldenberg, e Pierre Bourdieu, principalmente, em sua obra *As Regras da Arte* (1996).

¹⁴ SILVA, Alberto Souza. Considerações sobre a pesquisa em ciências sociais: sociologia e literatura. *Revista Elaborar*, ano 1, n.1, 2013, p.17.

¹⁵ FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p.25.

¹⁶ *Ibidem*, p.46.

de gosto muitas vezes radicalmente diferente dos atuais”.¹⁷ Trata-se, mais uma vez reiterando, da superação das análises focadas apenas nos aspectos formais dos textos literários, mas no inter-relacionamento – possibilitado pelos instrumentos teórico-metodológico das Ciências Sociais e Humanas – entre obras e autorias com seus respectivos tempos e espaços de escritas.

No âmbito da literatura, os romances publicados em folhetins¹⁸ nos jornais do século XIX constituem-se de fontes importantes para debruçar-se sobre a sociedade desse importante período para a história mundial, mas, sobretudo a América Latina e, especificamente, o Brasil. Pois, segundo Sebastião Costa, apesar do gênero surgir na Europa, “(...) teve de alocar os temas e a ambiência da ação à geografia e aos interesses mais imediatos que de alguma maneira estavam conformados pelo *éthos* regional”¹⁹, ou seja, apropriou-se dos cenários, temáticas sociopolíticas e econômicas locais como pano de fundo das narrativas fictícias. Para o sociólogo Antônio Candido, a literatura fez parte do projeto de nação brasileira dos intelectuais, principalmente a partir da independência política de Portugal, ora:

Se o Brasil era uma nação, deveria possuir espírito próprio, como efetivamente manifestara pela proclamação da Independência; decorria daí, por força, que tal espírito deveria manifestar-se na criação literária, que sempre o exprimia, conforme as teorias do momento.²⁰

Assim sendo, foi em torno do grito da independência que se desenvolveu uma intensa atividade literária como instrumento de distanciamento como também diferenciação da antiga metrópole europeia. Fato esse não limitado ao caso do Brasil, mas também observado na América Latina como um todo. O historiador John Lynch em sua pesquisa sobre os movimentos americanos do período pré-independência, apontou o surgimento de uma “literatura de identidade”, pelo qual contribuiu de maneira decisiva para esse processo político, fornecendo um “senso de pertencimento e nacionalidade americana”.²¹

¹⁷ *Ibidem*, p.47.

¹⁸ Os folhetins foram, segundo Angela Fanini (2003, p.15), uma estratégia para aumento das vendas de jornais, importado da França, e de lá também vieram, inicialmente, muitas obras que foram traduzidas e dadas a ler para o público, estimulando a aquisição dos jornais para acompanhamento das tramas. A maioria dos romances brasileiros do século XIX foram publicados nessa plataforma oferecida pelos jornais, ganhando popularidade e prestígio, como no caso, por exemplo, das produções de Machado de Assis. Ademais, a característica dos romances em ambientar-se e tratar de temas cotidianos também auxiliou na popularização do gênero e, conseqüentemente, dos folhetins. Ver: CANDIDO, Antônio. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002, p.41.

¹⁹ COSTA, Sebastião Guilherme Albano da. Figuras: ciências sociais, literatura e mídia na modernidade latino-americana. *Comunicação & Inovação*, v. 23, p. 20-38, 2011, p.31.

²⁰ CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. V.01. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000b, p.282.

²¹ LYNCH, John. As origens da independência da América Espanhola. IN: BETHELL, Leslie. (org.). *História da América Latina: da independência a 1870*. v. III. Trad. Maria Clara Cescato. 1a ed. reimp. São Paulo: Edusp; Brasília, DF: Fundamentação Alexandre de Gusmão. 2004. p. 62-63.

Isto posto, o grupo de escritores caracterizam-se pelo seu engajamento político, não apenas no século XIX no Brasil, mas na transição para o XX e todos os desafios de instalação e manutenção do sistema republicano. A exemplo, em torno do processo e consolidação da independência brasileira, os romancistas se consideravam “(...) possuídos, quase todos, de um senso de missão, um intuito de exprimir a realidade específica da sociedade brasileira”.²² Com o republicanismo e as orientações de modernização social da *Belle Époque*, temos uma geração que se autointitulava por “mosqueteiros intelectuais”.²³ Inspirados no cientificismo e liberalismo europeu, buscaram através da sua arte apontar caminhos para a superação do atraso e prospectaram identidades para a sociedade brasileira, se desprendendo do nativismo das primeiras décadas do século XIX. Não por acaso, esses “escritores-cidadãos” também participaram da vida política brasileira, como é o caso do nosso Adolpho Bezerra de Menezes, um dos líderes históricos do Partido Liberal da corte.

Literatura espírita e o político Adolpho Bezerra de Menezes

A literatura foi, e ainda é, um instrumento importantíssimo para o Espiritismo. Afinal, o processo de conversão perpassa a leitura e contínuo estudo das principais obras fundantes, escritas pelas mãos de Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861) e *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864). Curioso também que, segundo o antropólogo Bernardo Lewgoy (2000), um dos primeiros espíritas brasileiros, também tradutor de trechos das obras kardecistas, tenha sido um editor e jornalista, o baiano Olímpio Telles de Menezes. Logo, Lewgoy compreende o Espiritismo através da perspectiva de uma “(...) religião do livro, da leitura e do letramento”²⁴, o que, em parte, pode justificar a natureza de uma parcela significativa dos praticantes em fins do século XIX: profissionais liberais, políticos e intelectuais.

A fundação do periódico *Reformador* em 1883, canal de divulgação espírita que, em 1884, consolida-se enquanto Federação Espírita Brasileira – FEB, denota uma cultura letrada em torno da discussão doutrinária dos grupos de estudos do *kardecismo*. A discussão sobre qual aspecto melhor definia o Espiritismo – filosofia, religião ou ciência – envolveu sofisticadas discussões e disputas teóricas publicadas no jornal. Para além disso, nas primeiras décadas do século XX, temos a ascensão de projetos editoriais, momento caracterizado pela maior popularização dos escritos mediúnicos como, por exemplo, a ascensão de Chico Xavier, um dos grandes expoentes históricos

²² CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. V.01. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000b, p.102.

²³ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p.79.

²⁴ LEWGOY, Bernardo. *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no Espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social)*. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p.10.

do universo literário espírita.²⁵ Assim sendo, consideramos que “(...) o Espiritismo brasileiro tornou-se uma religião na qual a produção literária espírita passa a ter um papel central na criação de princípios doutrinários”.²⁶

A literatura de folhetim está presente no *Reformador* desde a edição inaugural, em janeiro de 1883. A primeira obra traduzida e publicada foi *La chambre de la grand'mère ou le bonheur dans la famille monniot* (1862) – título convertido no periódico para *O quarto da avó [sic] ou a felicidade na família*²⁷ – de Victorine Monniot (1824-1880). Obra cujo mote gira em torno dos ensinamentos morais de uma matriarca para suas netas, na constituição de uma família harmônica e cristã.

A literatura de costumes, ou mais especificamente, o romance, foi um elemento muito importante para os objetivos doutrinários do movimento espírita *febiano*²⁸, uma vez que:

A hipótese da instrumentalização das narrativas escritas à serviço da divulgação dos ideais espíritas é interessante na medida em que une uma forma literária popular com uma doutrina cuja exposição nem sempre é de fácil leitura, atingindo, portanto, a um público que não se familiarizaria com o espiritismo de outra forma.²⁹

E o já consagrado modelo de folhetins presente nos jornais brasileiros, colaboraria em um maior interesse do público habituado. Aliás, nos primeiros números do *Reformador*, o folhetim ocupava a primeira página, antes de ser transferido para a terceira no ano de 1884. Talvez uma primeira estratégia de venda e conquista do público, mas de maneira geral, segundo a socióloga Valéria Portela:

(...) as obras *doutrinárias* têm por missão primeira a sustentação dos preceitos morais e das práticas que qualificam uma religião e as diferenciam umas das outras. Em síntese, é um manual de conduta.³⁰

Apesar de uma maior repercussão ter ocorrido com a literatura mediúnica, o historiador André da Cunha³¹ apontou para outras formas de autoralidade. Assim sendo, a literatura

²⁵ AUBRÉE, Marion. Entre História e Mito: a dinâmica da literatura espírita no Brasil. *Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião*, Goiânia, v. 10, n. 2, p.147.

²⁶ CUNHA, André Victor Cavalcanti da. A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se transformou no medium espírita mais famoso do Brasil (1931 –1938). *Tese* (Doutorado em História). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2015, p.70.

²⁷ Obra original: MONNIOT, Victorine. *La Chambre de la grand'mère ou le bonheur dans la famille*. Paris: Périsse frères, 1862. Versão traduzida e publicada em folhetim no *Reformador*: MONNIOT, Victorine. Folhetim: O quarto da avó ou a felicidade na família, *Reformador*, Rio de Janeiro, 21 de jan. de 1883, p.01.

²⁸ O termo *febiano* tem relação com o espiritismo propagado a partir da Federação Espírita Brasileira – FEB.

²⁹ LEWGOY, Bernardo. Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no Espiritismo kardecista. *Tese* (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000, p.130.

³⁰ PORTELA, Valéria Lentz. Espiritismo: identidade e literatura. O status do autor e do livro na concepção doutrinária kardecista a partir de uma etnografia na Sociedade Beneficente Espírita Bezerra de Menezes. *Monografia* (Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012, p.27.

³¹ CUNHA, André Victor Cavalcanti da. A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se transformou no medium espírita mais famoso do Brasil (1931 –1938). *Tese* (Doutorado em História). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2015, p.116.

romanesca, no âmbito do “projeto editorial febiano”, se divide em três regimes de escritas: (1) autoralidade convencional, por (2) inspiração mediúnic e (3) interautoral. O Bezerra de Menezes, sob pseudônimo Max, localiza-se no primeiro regime, ou seja, o texto foi fruto de um trabalho intelectual e criativo próprio. Seus romances caracterizam-se por um intenso diálogo com o tempo da sua escrita, como também o manuseio de elementos autobiográficos em seu exercício de escrita. O leitor de Bezerra denota uma constante mobilização de críticas políticas a contemporaneidade vivenciada por ele. São constantes insatisfações seguidas, em alguns casos, na apresentação de soluções, que nem sempre se relacionam com o objetivo doutrinário.

Defendemos em nossas pesquisas o teor político como uma das principais características da escrita doutrinária do Bezerra de Menezes, e isso também o diferencia dos demais. Interessante na política imperial da corte, pelo Partido Liberal, a qual tornou-se também um dos grandes líderes. Na década de 1861, enquanto vereador, exerce mandatos também como deputado geral até o ano de 1885. Convertendo-se publicamente ao Kardecismo em 1886, a literatura acadêmica, e aqui destacamos a historiadora e socióloga Célia Arribas (2010), aponta para a importância desse sujeito na construção do Espiritismo aos moldes atuais, como corpo religioso. Isso em desfavor da sua vida político-partidária nas últimas décadas do século XIX.

Esse exercício analítico percorre o mesmo caminho, de certa forma previsível, das biografias escritas por espíritas. Para exemplificar nossa afirmação, podemos apontar o biógrafo Francisco Castro de Souza, que sugere o abandono da política por ter “em mente outros projetos” ou “tivesse perdido o encanto por aquela atividade”³². Temos proposto, através de levantamentos e análises dos principais jornais cariocas, a continuidade da sua carreira político-partidária no período pós-conversão. As sucessivas candidaturas lançadas em eleições para o senado nacional – nos anos de 1886, 1887, 1889, 1890, 1892, 1895 e 1896 – denotam uma contínua mobilização e objetivo político.³³ A partir disso, temos construído uma contraposição no debate acadêmico, em torno da História do Espiritismo, a essa dita ruptura, entre o Bezerra político e o espírita, após 1886 (ano de sua conversão pública).

Não só os jornais sustentam essa nossa hipótese de pesquisa, mas também a própria literatura romanesca de cunho doutrinário, produzida pelo autor. Ao todo, foram escritos por Menezes seis romances completos e um inacabado. Utilizamos apenas três – *Evangelho do Futuro*, *A Casa Assombrada* e *A Pérola Negra* – pelas peculiaridades da sua escrita, entre as quais elencamos: o

³² SOUZA, Francisco Castro de. Bezerra de Menezes, o político. In: FILHO, Luciano Klein (org.). *Bezerra de Menezes: fatos e documentos*. 2ª edição. Niterói, Rio de Janeiro: Lachâte, 2001, p.73-74.

³³ Ver: CUNHA, André Victor Cavalcanti da; LEMOS, Flávio Luan Freire. Adolpho Bezerra de Menezes: notas sobre a trajetória de um político espírita (1880-1900). In: SCHNEIDER, Aimée (org.). *Anais Ciclo Virtual Internacional de Comunicações de História Política*. Porto, Portugal: Editora Cravo, 2021, p.1444.

cenário das narrativas, predominantemente o norte brasileiro; as características autobiográficas identificadas, ou seja, a presença dos ambientes em que residiu, homenagens a familiares e personalidades brasileiras. Evidencia-se também um intenso diálogo com o momento histórico recente ou imediato da escrita. Temas como abolição dos escravizados, Guerra do Paraguai, institucionalização da medicina e reformas políticas são incluídos nas narrativas produzidas.

A socióloga Angela Alonso (2002), em sua pesquisa sobre a “geração de 1870”, enfatizou uma das principais dimensões para a formação desse grupo: “(...) a percepção da necessidade de reformas essenciais na organização da economia e do sistema político”.³⁴ Apesar de pontuarmos que Bezerra de Menezes, embora liberal, não fez parte desse grupo – por sua efetiva participação das instituições da corte e tom moderador –, fez coro no parlamento, e no debate público, sobre a urgência das reformas modernizantes. Os seus posicionamentos e temáticas foram abordadas em tribuna³⁵ e, explorados, por exemplo, no trabalho *O pensamento liberal de Bezerra de Menezes na segunda metade do século XIX (1867-1900)*, do historiador Felipe Silva (2018). Abolicionismo, ambientalismo, independência municipal autonomia das instituições públicas, direitos do consumidor, preocupações sanitárias e educação, são algumas das pautas tratadas pelos seus mandatos.

O que temos apontado ao analisar seus romances são um exercício de retorno a essas pautas, bem como utilização destas para contextualização ou historicização das suas narrativas. O abolicionismo é bastante utilizado no *Evangelho do Futuro* e, principalmente, em *A Pérola Negra*. Importante pontuar que Bezerra publicou em 1869 um ensaio nomeado *A Escravidão no Brasil e as Medidas que Convém Tomar para Extingui-la sem Dano à Nação*. Escrito em um momento político de intensos debates acerca da necessidade de uma legislação abolicionista que intermediasse os diversos interesses em jogo. Cujas intenções, de modo geral, giravam em torno de uma libertação lenta e gradual. Discussão esta que, em 1871, gerou a intitulada *Lei do Ventre Livre*.

De modo geral, Bezerra de Menezes pensou a superação da escravização e seus danos a sociedade brasileira a partir da educação. Em seu ensaio, propôs a separação de entre mãe e filho de maneira imediata, não previa a libertação das escravizadas, pois estas “(...) já corrompidas até à degradação, não podem mais ser aproveitadas”.³⁶ Seus filhos deveriam ser encaminhados para *Casas de Criação*, a serem criadas em todos os municípios, administradas pelas suas Câmaras. Receberiam instrução primária e religiosa, seguida da aprendizagem das “artes mecânicas”, no caso dos rapazes, e os “mistérios que constituem o trabalho da mãe de família”. Atingida a maioridade, deveriam ser

³⁴ ALONSO, Angela. *Ideias em Movimento: geração 1870 na crise do Brasil-império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p.42.

³⁵ Ver: MENEZES, Adolpho Bezerra de. *Discursos parlamentares – Bezerra de Menezes: seleção e introdução do Deputado Freitas Nobre*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1986.

³⁶ MENEZES, Adolpho Bezerra de. *Bezerra de Menezes, o abolicionista do Império: A escravidão no Brasil e as medidas que convém tomar para extingui-la sem dano para a nação*. Paulo Roberto Viola (org.). 1º ed. Rio de Janeiro: F.V. Lorenz, 2009, p.60.

levados para “colônias nacionais, mil vezes preferíveis às estrangeiras, com os libertos que forem completando sua educação moral e artística”.³⁷

Essa discussão foi resgatada em *A Pérola Negra*, cuja personagem principal, Honorina, é desenvolvida em torno da sua peculiaridade: ser uma escravizada letrada e moralmente exemplar mediante os demais da fazenda.³⁸ Adentremos na constante argumentação acerca do mal histórico causado pela escravização e sua degeneração moral causada a nação. No folhetim *Evangelho do Futuro*, o romancista concretiza na sua escrita a concepção das *Casas de Criação*. O protagonista Raimundo, como forma de reparação dos seus erros através da caridade, doa dinheiro para fundação de um “asilo para ingênuos, que a Lei de 28 de setembro, da qual procedem, deixou abandonados ao desgraçado destino de seus corrompidos pais”.³⁹ Não deixou ainda de mencionar que isso seria “(...) o princípio da execução de uma ideia, que brotara, em 1869, do cérebro de um obscuro brasileiro, autor de um opúsculo que escreveu em aditamento à Lei do Ventre Livre”.⁴⁰ Ou seja, ele mesmo.⁴¹ Há ainda uma crítica ao governo imperial, uma vez que:

A população de Riacho de Sangue, com razão, orgulhava-se de haver feito, em bem da sociedade e da Humanidade, o que não fizeram os governos do Brasil e do mundo, onde houve escravos!⁴²

Essa é um dos muitos juízos de valor apresentados mediante os problemas que o autor identificava em seu diagnóstico da nação, realizados por meio dos cenários e tramas desenvolvidas no romance. Aliás, os cenários apresentados dizem respeito, de modo geral, aos sertões nortistas, e com frequência constrói-se a dicotomia entre os rincões da nação e o centro emanador de poder: a corte. Importante frisar que entendemos aqui por “sertão” a partir da compreensão da Janaina Amado⁴³; enquanto categoria cujo significado varia de acordo com o tempo e espaço de quem o enuncia. Para Bezerra, trata-se de uma contraposição ao litoral, regiões longínquas, interioranas, mas que o progresso se faz, apesar do abandono do governo central. Denotamos isso acima, com o pioneirismo fictício de Riacho de Sangue – lugarejo que nasceu – e seus “asilos para ingênuos”, ou a liderança de Dr. Correia na abolição total no Ceará, em 25 de março de 1884, narrado no fechamento do romance *A Pérola Negra*.⁴⁴

³⁷ *Ibidem*, p.71-77.

³⁸ MENEZES, Adolpho Bezerra de. *A pérola Negra*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011a, p.26.

³⁹ MENEZES, Adolpho Bezerra de. *Evangelho do Futuro*. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011b, p.324.

⁴⁰ *Ibidem*, p.326.

⁴¹ Nas suas obras é bastante comum a autorreferência ou a realização de um exercício autobiográfico. Ainda sobre a criação dessa casa de ingênuos, ou Casa de Criação, na obra ainda localiza espacialmente a sua construção: Fazenda Santa Bárbara (MENEZES, 2011b, p.326), lugar que Bezerra nasceu, no interior do Ceará (CURY, 2007, p.27).

⁴² MENEZES, Adolpho Bezerra de. *Evangelho do Futuro*. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011b, p.327.

⁴³ AMADO, Janaína. Região, sertão e nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, p. 141- 151, v. 8, n. 15, 1995, p.149.

⁴⁴ MENEZES, Adolpho Bezerra de. *A pérola Negra*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011a, p.371.

A discussão sobre o papel e o lugar da mulher também são incorporados em contextos das suas narrativas. Sobre a escolaridade, Bezerra é bastante enfático:

O que pode dar uma mulher, futura mãe de família – célula geradora do organismo social –, quando por única cultura intelectual aprende mal a ler e escrever, e, por toda a cultura moral lhe ensinam a doutrina cristã, como a papagaio?
O Brasil está muito longe de ser uma nação civilizada, e só enveredará para aí quando compreender que a mulher é tudo no mecanismo do progresso humano.⁴⁵

Em *A Casa Assombrada*, no diálogo entre Leopoldo Dantas e Joaquim Amorim que discutem sobre a condição da sinhazinha Margarida, prima do último. Esta que tinha se relacionado sexualmente com Antônio Bento, empregado da fazenda. Em meio a discussão sobre a honra da mulher “desonrada”, Leopoldo questiona:

(...) Há diferença entre o homem e a mulher como seres morais? Nenhuma. Como, então, e por que não perde o homem o que perde a mulher? Como, então, e por que ao homem se concede o direito de regeneração e à mulher não? ⁴⁶

Apontando que “a humanidade só admite para elas duas condições na Terra: um trono ou o prostíbulo”, Joaquim Amorim se apresenta como discordante de visões mais progressistas sobre o caso, se inquietando com as colocações do amigo. O ato de desonra seria irreparável e imerecido do “homem de nobres sentimentos”.⁴⁷ Em *Evangelho do Futuro*, a discussão sobre a condição da mulher também ganha alguns parágrafos. Enaltecendo a peculiaridade da liberdade vista nas mulheres residentes na serra de Martins – lugar que também residiu em parte da infância e adolescência –, comportamento que seria “das mais adiantadas sociedades”, o autor justifica:

Haja esmerado cuidado na educação moral da mulher, e não se temam de deixá-la livre; mesmo porque há para ela uma poderosa contenção: o próprio decoro, que a liberdade avigora, ao passo que a desconfiada vigilância entorpece e amesquinha.
No Martins, está patente a verdade daquele conceito – da suma vantagem de uma educação moral combinada com a liberdade concedida à mulher.⁴⁸

Assim como no caso dos escravizados, temos mais uma vez a “educação moral” como ferramenta indispensável, para Bezerra de Menezes, na transformação da sociedade. É bastante interessante observarmos que o tema perpassa os três romances, elaborando problematizações sobre a condição homem e mulher, como também em diálogos diretos com o leitor. No último

⁴⁵ *Ibidem*, p.358.

⁴⁶ MENEZES, Adolpho Bezerra de. *A casa assombrada*. São Paulo: Editora Camille Flammarion, 2001, p.89.

⁴⁷ *Ibidem*, p.90.

⁴⁸ MENEZES, Adolpho Bezerra de. *Evangelho do Futuro*. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011b, p.13-14.

caso, o nosso romancista é incisivo em denotar acerca da condição de liberdade feminina como uma prerrogativa para o progresso social. Não é excessivo lembrar que essas narrativas se passam nos sertões nortistas, a qual com frequência se possui uma visão negativa, de lugar arcaico, a ser conquistado.⁴⁹ Bezerra subverte isso através da sua escrita criativa, dialogando a todo momento com a sua biografia. Mas sigamos.

De modo geral, é bastante frequente o diálogo diretamente com o leitor(a) para tratar de determinados assuntos surgidos em suas tramas. Ora, pela própria característica didática de ser uma obra doutrinária, poderíamos supor esse exercício como algo comum. O que queremos destacar é transbordamento da mera função de divulgação do Kardecismo. Trata-se também de uma apresentação das rachaduras do sistema político brasileiro, seguida das soluções pensadas por um experiente político liberal.

Em *A Pérola Negra*, na caracterização do norte amazônico, nosso romancista apresenta a febre da cultura seringueira da segunda metade do século XIX. A busca por esse “pomo de ouro” que é o leite da seringueira foi responsável, inclusive, pelo deslocamento da narrativa para esse lugar, fugindo da pobreza do Ceará. Aliás, itinerário histórico muito comum dos nortistas que fugiam das secas do semiárido. Bezerra critica a mera exportação da matéria prima por falta da indústria de processamento:

Somente nós, os donatários dessas minas inesgotáveis, somos os que menos colhemos do seu inestimável valor, porque mandamos ao estrangeiro a matéria-prima, que ele prepara e transforma em milhares de artefatos, que compramos a bom preço.

Vendemos por um, para comprarmos por dez! (...) Não admira que desfaleçam as indústrias, entre nós, uma vez que a raça branca, senhora do país, vive folgadoamente, sem precisar apurar os meios de fazer fortuna, tendo a raça preta, sua escrava, a trabalhar para sustentar seu luxo – e até seus vícios!⁵⁰

Mais uma vez, volta-se a culpabilizar a instituição escravagista pelo atraso do desenvolvimento nacional. Todavia, acreditava que com a gradual liberdade concedida pela Lei do Ventre Livre, teríamos “(...) em menos de meio século, o Brasil não terá mais o vergonhoso

⁴⁹ Afirmamos isso ao observar a literatura produzida sobre os sertões brasílicos desde o período colonial. À exemplo, podemos citar a obra do Gabriel Soares de Souza, cujo sertões, sua referência territorial onde hoje corresponde o interior da Bahia, era um lugar sem fé, rei e lei, na busca pela legitimidade do uso da violência para com os povos originários no processo de dominação do território (SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851, p. 310-309). Aliás, a inexistência de “lei” será observada por diversos sujeitos, sobretudo viajantes, também no século XIX. Henry Koster em suas viagens pelos sertões nortistas descreve sua surpresa sobre não ter visto “grandes crimes” serem cometidos como consequência da pouca cobertura da instituição judiciária (KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942, p.118-227). Na transição entre os séculos XIX para XX, ainda temos focos de violência, principalmente através do banditismo, fortalecido pela ausência do Estado brasileiro e sua força policial, tema abordado pelo clássico trabalho *Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas* (1976), de Rui Facó.

⁵⁰ MENEZES, Adolpho Bezerra de. *A pérola Negra*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011a, p.189.

comércio da exportação da matéria-prima que lhe voltam manipuladas”.⁵¹ A exploração do norte por via literária denota uma inquietação do nosso escritor: o não aproveitamento do potencial econômico, cultural e social do norte do país, uma vez que a centralização do Império favorece um desenvolvimento muito restrito ao eixo Rio-São Paulo, sobretudo da região cafeeira. Com isso, frequentemente problematiza, expõe ao leitor as peculiaridades e potencialidades da região. Em referência a farmacopeia indígena, inquieta-se:

Também, que tem feito o governo do nosso país no sentido de colher, em glória de nossa terra e bem da Humanidade, tanto saber perdido nas selvas?
Custa muito dinheiro uma comissão médica que não dá nenhum resultado político!
E talvez seja melhor não se ter curado disso, porque seria dinheiro perdido, nomeando-se para aquele fim, não médicos, porém filhotes!
O caso é que nas florestas do Pará e do Amazonas existe, ignorada do mundo, uma farmacopeia tão vasta, e talvez mais importante que a consagrada pela Ciência do mundo!⁵²

Louvando e homenageando através da sua escrita, sujeitos que deveriam ser reconhecidos pelos serviços prestados à nação:

Se este país fosse realmente cristão e civilizado, Barbosa Rodrigues já teria recebido, com um título de marquês ou duque, amplos recursos para chamar à civilização as tribos indígenas que ocupam a vastíssima extensão que vai do Pará e Amazonas à província de Goiás e muitas outras.
O homem, porém, não toma largura no passo, e o Tesouro está tão vazio para serviços que não entendem com a política, que será injusto condenar o que o nosso governo tem feito, ou não tem feito, sobre catequese.⁵³

João Barbosa Rodrigues não é um mero nome de sua criação fictícia, foi um botânico e antropólogo com trabalhos importantes para a região amazônica, cuja repercussão pode ser vista na pesquisa de Lúcio Ferreira e Francisco Noelli. Seu incômodo se dá, principalmente, pelo não reconhecimento desses sujeitos na corte de Pedro II, apontando que:

A sociedade, onde o cidadão de real merecimento fosse espontaneamente galardoado pelo chefe, e, nem mesmo comprando-as a peso de ouro, pudesse obter graças de qualidades negativas ou duvidosas seria um modelo e teria uma força impulsiva admirável.⁵⁴

Assim sendo, percebemos como o tempo de escrita do nosso romancista é bastante enfatizado na concepção de suas obras. A divulgação dos escritos de Allan Kardec não se situa como único objetivo, uma vez que suas tramas também desencadeiam na discussão sobre o momento político vivenciado – por vezes em diálogo bastante direto com o leitor (a). Para tanto,

⁵¹ *Idem.*

⁵² *Ibidem*, p.273.

⁵³ *Ibidem*, p.357-358.

⁵⁴ MENEZES, Adolpho Bezerra de. *A pérola Negra*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011a, p.139.

apontamos a mobilização do seu arcabouço de discussões, projetos do seu período das tribunas, seja como deputado ou vereador. Denotando-se, portanto, as possibilidades de compreensão, a partir dessa literatura, do momento crítico de transição entre Império e República. Sua escrita não tem teor revolucionário, mas reformista. Essa lógica, aliás, associa-se a própria gênese do Espiritismo francês. Como bem pontua o historiador Artur Isaia, o Espiritismo surgiu interagindo e conciliando com diversas doutrinas europeias, “(...) que iam do liberalismo às utopias socialistas, passando pelo positivismo comtista”⁵⁵, na legitimação da exploração econômica, fundamentado na noção de expiação e evolução espiritual. Enquanto intelectual e político, fundamentando-se também no Kardecismo, a sua escrita, quando aponta as problemáticas brasileiras, buscando soluções conciliatórias, via reformas implantadas no Estado brasileiro.

Considerações finais

Adolpho Bezerra de Menezes, portanto, pode ser inserido no grupo de escritores que utilizaram da literatura para pensar a nação brasileira. Trata-se, como já evidenciamos, do transbordamento da sua escrita doutrinária do objetivo único de divulgação do kardecismo. É possível que, para além das necessidades espirituais, advindas das experiências pessoais com as práticas espíritas, Bezerra de Menezes tenha encontrado no Movimento Espírita, em especial, na escrita doutrinária, um espaço catártico, funcionando como um dreno psíquico para as suas frustrações no cenário político da corte e, mais tarde, republicano. O exercício autobiográfico, revisitando não apenas o período que residiu os sertões, mas também suas pautas e projetos liberais defendidos em mandatos políticos são fortes indícios confirmadores dos nossos apontamentos.

É necessário lembrar que, dos romances analisados, apenas *A Casa Assombrada* foi publicado em vida, os demais foram impressos nas folhas do *Reformador* após sua morte, em 1900. De certa forma, ao colocarmos em suspeição a não publicação dos romances com críticas políticas mais incisivas ainda no século XIX – a saber, *Evangelho do Futuro* e *A Pérola Negra* – possa justificar-se pelo momento de desgaste do regime imperial no período histórico em questão. É possível que tenha existido um certo receio de uma maior exposição política, a depender da recepção dos romances, em um período de institucionalização da doutrina no Brasil.

Por fim, acreditamos ter denotado o papel da literatura espírita produzida por Bezerra para pensar o debate político em torno da transição política brasileira entre Império e República, assim como o seu interesse em contribuir com suas reflexões. Com isso, somado a localização das suas atividades político-partidária nos jornais cariocas, nos contrapomos a ruptura entre uma vida antes

⁵⁵ ISAIA, Artur Cesar. Espiritismo, Utopia e Conciliação Social. *Cadernos do CEOM* (UNOESC), Chapecó, v. 04, n.13, p. 183-214, 2001, p.189.

e após conversão ao Espiritismo. Descortinando, portanto, esse aspecto da sua vida pública, denotando suas contradições e predileções políticas, para além da sua importante atuação na consolidação do Espiritismo com viés religioso no Brasil.

Agradecimento: Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES/MEC, através do Programa de Demanda Social.

Referências bibliográficas

- AMADO, Janaína. Região, sertão e nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, p. 141-151, v. 8, n. 15, 1995. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1990>>. Acesso em 03 de jan. 2021.
- ANDRADE, Luciana Teixeira de. Literatura e Ciências Sociais. *Locus: Revista de História*, v. 6, n. 2, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20513>>. Acesso em 15 de jan. 2021.
- ALONSO, Angela. *Ideias em Movimento: geração 1870 na crise do Brasil-império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- AUBRÉE, Marion. Entre História e Mito: a dinâmica da literatura espírita no Brasil. *Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião*, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 145-156, mar. 2013. ISSN 1983-778X. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/2459>>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- ARRIBAS, Célia da Graça. *Afinal, Espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira*. São Paulo: Alameda, 2010.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. V.01. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000a.
- _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6º ed. V. 02. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000b.
- _____. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Maria Manuela Galhardo (trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COSTA, Sebastião Guilherme Albano da. Figuras: ciências sociais, literatura e mídia na modernidade latino-americana. *Comunicação & Inovação*, v. 23, p. 20-38, 2011. Disponível em: <https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/1193>. Acesso em: 04 fev. 2021.
- CUNHA, André Victor Cavalcanti da. A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se transformou no medium espírita mais famoso do Brasil (1931 –1938). *Tese* (Doutorado em História). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14515>>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- CUNHA, André Victor Cavalcanti da; LEMOS, Flávio Luan Freire. Adolpho Bezerra de Menezes: notas sobre a trajetória de um político espírita (1880-1900). In: SCHNEIDER, Aimée (org.). *Anais Ciclo Virtual Internacional de Comunicações de História Política*. Porto, Portugal: Editora Cravo, 2021. P. 1439-1448. Disponível em: <[REH. Ano VIII, vol. 8, n. 16, jul./dez. 2021 | \[www.escriadahistoria.com\]\(http://www.escriadahistoria.com\)](http://conjugare.pt/wp-</p></div><div data-bbox=)

content/uploads/2021/02/Anais-do-Ciclo-Virtual-Internacional-de-omunicacoes-de-Historia-Politica-PPGH-UERJ.pdf>. Acesso em 06 de março de 2021.

CURY, Aziz. *Legado de Bezerra de Menezes*: pesquisa inédita sobre o médico, político, religioso, pedagogo e abolicionista que viveu no século XIX. São Paulo: Elevação, 2007.

FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7762>>. Acesso em 20 de mar. de 2021.

FANINI, Angela Maria Rubel. Os romances-folhetins de Aluísio Azevedo: aventuras periféricas. *Tese* (Doutorado em Teoria Literária). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/84646>>. Acesso em 15 de jan. de 2021.

FERREIRA, Lúcio Menezes; NOELLI, Francisco Silva. João Barbosa Rodrigues: precursor da etn classificação na arqueologia Amazônica. *Amazônica: Revista de Antropologia*, V. 1, P. 68-95, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/138>>. Acesso em 13 de jan. de 2020.

GIDDENS, Anthony. Estruturalismo, pós-estruturalismo e a produção da cultura. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. *Teoria Social Hoje*. São Paulo: UNESP, 1999. P.280-320.

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Rosina D'Angina (trad.). 1º ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.

ISAIA, Artur Cesar. Espiritismo, Utopia e Conciliação Social. *Cadernos do CEOM (UNOESC)*, Chapecó, v. 04, n.13, p. 183-214, 2001, p.189. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2148>>. Acesso em 03 de abril de 2022.

KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942, p. 118-227.

LEWGOY, Bernardo. Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no Espiritismo kardecista. *Tese* (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16244>>. Acesso em 15 de jan. de 2021.

LYNCH, John. As origens da independência da América Espanhola. IN: BETHELL, Leslie. (org.). *História da América Latina: da independência a 1870*. v. III. Trad. Maria Clara Cescato. 1a ed. reimp. São Paulo: Edusp; Brasília, DF: Fundamentação Alexandre de Gusmão. 2004. p. 19 – 72.

MENEZES, Adolpho Bezerra de. *A casa assombrada*. São Paulo: Editora Camille Flammarion, 2001.

_____. *A pérola negra*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011a.

_____. *Bezerra de Menezes, o abolicionista do Império: A escravidão no Brasil e as medidas que convém tomar para extingui-la sem dano para a nação*. Paulo Roberto Viola (org.). 1º ed. Rio de Janeiro: F.V. Lorenz, 2009.

_____. *Discursos parlamentares – Bezerra de Menezes*: seleção e introdução do Deputado Freitas Nobre. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1986.

_____. *Evangelho do futuro*. 2º reimpressão. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2011b.

MONNIOT, Victorine. Folhetim: O quarto da avô ou a felicidade na família, *Reformador*, Rio de Janeiro, 21 de jan. de 1883, Disponível em:<

<http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/revistas/1883/html5forpc.html?pagina=0>>. Acesso em 09 de fev. de 2021.

_____. *La Chambre de la grand'mère ou le bonheur dans la famille*. Paris: Périsse frères, 1862. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=rKk4iBEd4KEC&ots=qNIIFa7FQe&lr&hl=pt-BR&pg=PA3#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em 09 de fev. de 2021.

PORTELA, Valéria Lentz. Espiritismo: identidade e literatura. O status do autor e do livro na concepção doutrinária kardecista a partir de uma etnografia na Sociedade Beneficente Espírita Bezerra de Menezes. *Monografia* (Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/56140>>. Acesso em 15 de jan. de 2021.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Alberto Souza. Considerações sobre a pesquisa em ciências sociais: sociologia e literatura. *Revista Elaborar*, ano 1, n.1, 2013.

SILVA, Felipe Vieira Batista. O pensamento liberal de Bezerra de Menezes na segunda metade do século XIX (1867-1900). *Dissertação* (Mestrado em História). Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei, 2018. Disponível em: <<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/DissertacaoFelipeVieira.pdf>>. Acesso em 15 de jan. de 2021.

SOUZA, Francisco Castro de. Bezerra de Menezes, o político. In: FILHO, Luciano Klein (org.). *Bezerra de Menezes: fatos e documentos*. 2ª edição. Niterói, Rio de Janeiro: Lachâte, 2001.

SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851.

Recebido em: 10.06.2021
Aprovado em: 22.04.2022